

# ECOTURISMO NAS PAISAGENS CULTURAIS VINHATEIRAS DO PICO E ALTO DOURO, PATRIMÓNIO MUNDIAL: VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

LÍDIA GONÇALVES AGUIAR\*

**Resumo:** Nesta comunicação, pretende-se identificar e avaliar potencialidades e limitações da evolução e desenvolvimento sustentável das paisagens numa comparação entre as duas áreas vinhateiras portuguesas reconhecidas pela UNESCO como Património Mundial: o Alto Douro Vinhateiro (paisagem cultural, evolutiva e viva desde 2001) e a Ilha do Pico (paisagem cultural desde 2004). Será especialmente abordado o Parque Natural da Ilha do Pico e o seu contributo para a manutenção da paisagem, bem como o incremento dado ao desenvolvimento turístico desta área, analisando-se as alterações verificadas na arquitetura, na fauna, na flora e, com particular interesse, nas populações locais. Por consequência, para obtenção de uma observação comparativa, idêntico estudo será feito para o Alto Douro Vinhateiro, sendo que, neste território, nos concentraremos muito em especial no turismo verde ou ecoturismo, observando-se de forma análoga os mesmos tópicos. Particular atenção será dada aos principais pilares da sustentabilidade verificando-se como estão presentes nestes territórios e de que forma se manifestam: a preservação ambiental, a preservação dos valores culturais e o desenvolvimento social e económico das populações locais. Dado o estudo se encontrar em zonas reconhecidas pela Unesco como Património Mundial, a sustentabilidade dos territórios e em particular a preservação das

---

\* ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo/CITCEM-FLUP. laguiar@iscet.pt.

suas paisagens são de primordial interesse. O reconhecimento pela UNESCO por si só acarreta obrigações de preservação, porém, em contrapartida as zonas reconhecidas veem aumentados os seus fluxos turísticos, pelo que a gestão assertiva e a implementação de medidas que preservem e apliquem o desenvolvimento sustentável devem ser uma constante de quem gere estes espaços, correndo o perigo de degradação da paisagem e perda de autenticidade do património imaterial essencial ao desenvolvimento do turismo verde e à manutenção de uma dinâmica de sustentabilidade turística.

**Palavras-chave:** Parques naturais; ecoturismo; desenvolvimento sustentável; Património Mundial; turismo.

**Abstract:** In this presentation, we aim to identify and evaluate possibilities and limitations associated with the evolution and sustainable development of the landscape using a comparison between the two Portuguese wine-growing areas recognised by UNESCO as World Heritage: the Alto Douro Vinhateiro (cultural landscape, evolutionary and alive since 2001) and Pico Island (cultural landscape since 2004). Pico Island Natural Park and its contribution to the maintenance of the landscape, as well as the increase in tourism development in this area, will be especially addressed, analysing the changes in architecture, fauna, flora and in particular of the local populations. Consequently, to obtain a comparative observation, the same study will be performed at Alto Douro Vinhateiro, and in this territory, we will concentrate on green tourism or ecotourism, observing the same topics in an analogous way. Particular attention will be given to the main pillars of sustainability, as they are present in these territories and how they manifest themselves: environmental preservation, preservation of cultural values and social and economic development of local populations. Since the study is located in areas recognised by Unesco as World Heritage, the sustainability of the territories and in particular the preservation of their landscapes are our prime interest. Recognition by UNESCO alone entails preservation obligations, but in contrast recognised areas are increasing their tourist flows. Therefore, assertive management and implementation of measures that preserve and implement sustainable development must be a constant of whoever manages these spaces given the risk of degradation of the landscape and loss of authenticity of the intangible heritage essential to the development of green tourism and maintenance of a dynamic of tourism sustainability.

**Keywords:** Natural parks; ecotourism; sustainable development; World Heritage; tourism.

## INTRODUÇÃO

Na presente comunicação é nossa intenção fazer a abordagem do desenvolvimento sustentável e como as duas áreas vinhateiras portuguesas Património Mundial, a Ilha do Pico e o Alto Douro Vinhateiro, se encontram a cumprir as regras da sustentabilidade e como o turismo sustentável pode em muito contribuir para este desígnio.

Para atingir este objetivo fez-se uma primeira abordagem teórica sobre o conceito de sustentabilidade turística, de forma a inserir o leitor no conceito em análise. Conclui-se que existem três pilares essenciais a ser cumpridos. A preservação dos recursos naturais e culturais, o desenvolvimento económico e o conceito do retorno/partilha, ou seja, se as populações oferecem o seu território e são cada vez mais solicitadas a colaborar com as atividades turísticas devem daí retirar algum benefício para elas próprias.

No tópico seguinte logo se dá início ao estudo e análise da área vinhateira da Ilha do Pico, património mundial. Verifica-se através do levantamento bibliográfico feito todo o trabalho de campo que tem vindo a ser desenvolvido quer pelo Parque Natural da Ilha do Pico quer pelo Governo Regional dos Açores e apresentam-se as conclusões.

De igual modo, realizou-se uma revisão de bibliografia para o Alto Douro Vinhateiro, onde se constatou as diferenças perante a Ilha do Pico. A maior dificuldade de gerir o ADV pela sua elevada dimensão quando comparada com a pequena ilha dos Açores. Entendeu-se que no ADV já muito foi feito, mas que ainda nichos de mercado podem ser acarinhados para alcançar um turismo sustentável com algum impacto.

## 1. SUSTENTABILIDADE NO TURISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO

O turismo tem vindo a ser uma ferramenta impulsionadora do desenvolvimento económico, bem como de transfigurações sociais em muitos países e regiões. Em variadíssimas situações tem suprido o lugar deixado vago por outras indústrias, outrora prósperas<sup>1</sup>.

Ainda segundo o mesmo autor, atualmente a atividade turística atingiu tão elevado nível que se, por um lado, é importante incentivá-la, por outro, é necessário colocar-lhe alguns limites, orientando-a para que propicie possibilidades cada vez mais interessantes e atrativas para o visitante, associando-a sempre à ideia de um desenvolvimento sustentado<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, 2009.

<sup>2</sup> FERREIRA, 2009.

Em 1987, na Comissão Mundial sobre o Ambiente e Desenvolvimento, promovida pela ONU, discute-se pela primeira vez o conceito de desenvolvimento sustentado, conforme publicado no relatório O Nosso Futuro Comum ou Relatório *Brundtland*. Segundo este relatório, o desenvolvimento sustentado deveria ser «aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades»<sup>3</sup>.

Para o autor que vimos seguindo<sup>4</sup> estas linhas vão traduzir-se numa ideia de turismo sustentado, que obriga o sector turístico a funcionar com rentabilidades a longo prazo, mas não saturando os recursos dos quais depende, tais como os meios naturais, patrimoniais e culturais.

A importância do desenvolvimento sustentado foi de novo reforçada na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento, que se realizou no Rio de Janeiro em 1992, na qual se concluiu que toda a atividade económica, onde se destaca o turismo, deve orientar o seu crescimento sem que para isso ponha em causa as necessidades das gerações futuras<sup>5</sup>.

Segundo outros autores, o conceito de turismo sustentado só pode ser entendido como o veículo que conduz o processo de desenvolvimento centrado na igualdade social, na eficiência económica, na diversidade cultural e na preservação do meio ambiente. Neste contexto, os autores consideram que o desenvolvimento sustentado só é possível pela articulação sistemática de três fatores: o ambiental (preservação de recursos), o social (promoção cultural e preservação de tradições, bem como melhoria das condições de vida das populações) e o económico (gestão que propicie o desenvolvimento económico das regiões)<sup>6</sup>.

Por sua vez, há que considerar que o turismo sustentável deve estar bem presente em ambientes naturais, mas também os ambientes urbanos devem adotar esta postura, pois, para além do aumento da poluição, as construções inadequadas vêm alterando o urbanismo original dos locais<sup>7</sup>.

Assim, ainda para esta autora, o turismo sustentável deve assentar em 4 princípios base: 1) O perfeito respeito pelo meio ambiente onde se desenvolve, preservando sempre todos os seus recursos; 2) Uma perfeita relação entre a cultura e os espaços sociais das comunidades de acolhimento, respeitando as suas crenças e tradições; 3) Os benefícios económicos gerados pelo turismo devem reverter para os industriais do turismo e para a sociedade de acolhimento; 4) O turista deve ser mais responsável, respeitar o meio ambiente, o património cultural, material e imaterial, sabendo

---

<sup>3</sup> Relatório *Brundtland*, 1987.

<sup>4</sup> FERREIRA, 2009.

<sup>5</sup> FERREIRA, 2009.

<sup>6</sup> ALMEIDA & ABRANJA, 2009.

<sup>7</sup> FERREIRA, 2003.

interagir com a comunidade de acolhimento. Na mesma linha de pensamento se sustenta que outra das grandes vantagens do turismo sustentável são os benefícios que as comunidades de acolhimento podem recolher, na medida em que: 1) ao serem integradas em atividades turísticas sentirão maior respeito pela sua própria cultura e identidade; 2) o turismo passará a ser uma atividade complementar às já existentes, reforçando assim as tradicionais<sup>8</sup>.

O turismo sustentável trata-se de facto de uma realidade que implica que seja desenvolvido por todos, através de «ações socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente corretas», atendendo assim a «necessidades económicas, sociais e ecológicas da sociedade», como é realçado pela OMT<sup>9</sup>.

As áreas do Património Mundial, em particular observação nesta comunicação, a Ilha do Pico e o Alto Douro Vinhateiro, à semelhança de todos os sítios com semelhante galardão, tornam-se destinos turísticos de grande atratividade pela sua alta qualidade em bens naturais e culturais. Esta capacidade faz com que a indústria turística evolua, proporcionando um paulatino crescimento das taxas de visitação. Este aumento de turistas pode trazer problemas de gestão aos sítios do Património Mundial se estes não forem devidamente planificados e geridos. Esta planificação deverá ter em conta o desenvolvimento sustentável, importante vetor para a conservação do património natural e cultural, considerado excecional pela UNESCO. Torna-se importante preservar o Espírito de Lugar, cuidando do bem-estar socio económico das comunidades locais, proporcionando-se uma melhor qualidade de vida. Desta forma, impõe-se qualificar os sítios do património mundial, como a Ilha do Pico e o Alto Douro Vinhateiro com experiências únicas para os visitantes, de forma a torná-los cada vez mais competitivos no mundo turístico. Para além de novas competências e produtos inovadores é absolutamente imprescindível garantir a sustentabilidade destes destinos pelo que os gestores devem incentivar a utilização de recursos originais, envolvendo as comunidades locais<sup>10</sup>.

## **2. O PARQUE NATURAL DA ILHA DO PICO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Este parque natural é o maior de todos os parques e zonas protegidas do arquipélago dos Açores, destacando-se pela diversidade do património natural e cultural. É aqui precisamente que se pode encontrar a montanha mais alta de Portugal, a Montanha do Pico, bem como o 3º maior vulcão do Oceano Atlântico. No que

---

<sup>8</sup> FERREIRA, 2009.

<sup>9</sup> *Código Mundial de Ética do Turismo*, Art.º 3.

<sup>10</sup> ALÇADA *et al.*, 2013.

importa para o nosso estudo, é ainda neste parque que se situa a paisagem cultural das vinhas da ilha do Pico consideradas pela UNESCO como Património Mundial<sup>11</sup>.

Diversos galardões têm sido atribuídos à Ilha do Pico, sendo o mais relevante o de Património Mundial em que a UNESCO reconheceu o valor excecional de uma determinada área da cultura — a vinha. Esta designação só terá interesse se beneficiar a preservação dos bens culturais inseridos na paisagem e em simultâneo contribuir para o desenvolvimento económico das populações locais. E para alcançar tal objetivo é opinião do Doutor Paulino Costa, diretor deste parque natural, que a marca do mesmo deve ser utilizada em unísono com a designação da UNESCO, de forma a reforçar a economia local, permitindo aos empresários reafirmarem-se nos mercados turísticos<sup>12</sup>.

## 2.1. O caminho para a sustentabilidade

Observa-se ser do maior interesse a Ilha do Pico estar sob proteção do seu Parque Natural. Este, de notável biodiversidade e com um património geológico e cultural de elevada grandeza e diversidade, encontra-se dividido em cinco áreas protegidas, cada uma das quais com uma categoria segundo o recurso a salvaguardar. No caso concreto da paisagem cultural da vinha, esta insere-se na Área de Paisagem Protegida que se subdivide em cinco pequenas áreas, das quais só duas possuem classificação da UNESCO como Património Mundial: a área da paisagem protegida da vinha da zona norte e da zona oeste. Estas duas zonas são o exemplo mais puro de como, desde o século XV, por via da força e da vontade do homem e em condições ambientais completamente adversas, foi possível criar-se um estilo de vida sustentado e um vinho que ultrapassou fronteiras. Na atualidade é imprescindível preservar todo este legado patrimonial de currais, canadas, casas solarengas, adegas, alambiques, ermidas, poços de maré, rola-pipas, portinhos e casas abrigo que caracterizam a paisagem cultural, sendo em simultâneo a sua identidade<sup>13</sup>.

A Ilha do Pico suportou várias vagas migratórias motivadas pelas duras condições de vida que a ilha apresentava. Destes emigrantes os regressados investiram na recuperação do património edificado, oferecendo às casas abandonadas um novo sentido, fruto da sua ascensão social e de uma certa identidade urbana absorvida pela aculturação aos países de acolhimento. Em particular na área do Património Mundial verificou-se uma intervenção concertada entre o Parque Natural e o Governo dos Açores de forma a sensibilizar as populações para a importância do desenvolvimento sustentado. Neste contexto, foi possível encetar um projeto de reabilitação do património material e de preservação da paisagem de forma a atingir dinâmicas

---

<sup>11</sup> AÇORES, 2011.

<sup>12</sup> MADALENA, 2011.

<sup>13</sup> AÇORES, 2011.

turísticas sustentáveis, através do turismo rural, do turismo de natureza e ainda do enoturismo. Atualmente, verifica-se que uma paisagem que tendia ao abandono funciona agora como polo dinamizador da economia local<sup>14</sup>.

Desta forma afigura-se que este Património Mundial se encontra com uma orientação focalizada no desenvolvimento sustentável, onde o turismo se torna um veículo propenso para a concretização desta tipologia de crescimento económico.

Conquanto a sustentabilidade turística esteja já demonstrada, impõe-se abordar os trilhos pedestres já criados, dos quais se destaca o trilho das «Vinhas da Criação Velha» que percorre toda a área do Património Mundial, tendo já sido referenciado pela revista *BootsnAll* em 2010, como um dos 8 trilhos mais singulares do mundo.

Para além dos Centros de Interpretação criados nas diferentes zonas de proteção, em particular o vocacionado para a paisagem protegida, o Centro de Interpretação da Cultura da Vinha, no Lajido de Santa Luzia, é responsável pela oferta ao turista de toda a informação sobre a Paisagem Cultural do Património Mundial. Este centro, de que é complemento o Museu do Vinho, na Vila da Madalena, com uma localização geográfica privilegiada e paisagem natural e arquitetónica secular, proporciona também provas de vinho e passeios guiados<sup>15</sup>.

Demonstrado o desenvolvimento sustentável da Ilha do Pico e por consequência do sítio do Património Mundial, cumpre ainda referir que o Governo dos Açores permanece atento às eventuais elevadas cargas turísticas que possam verificar-se. A 16 de Abril de 2018, em Angra do Heroísmo, no Conselho Regional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, abordaram-se questões como a urgência em criar nova legislação que regulamente os acessos a áreas protegidas, bem como a utilização de veículos motorizados em trilhos nestas mesmas zonas, entre outros assuntos ligados a problemáticas de sustentabilidade<sup>16</sup>.

### **3. O ALTO DOURO VINHATEIRO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

O Alto Douro Vinhateiro foi distinguido pela UNESCO como Património Mundial, na categoria de Paisagem Cultural, Evolutiva e Viva, no ano de 2001. Esta classificação pode não ser permanente, daí a necessidade de intervenções concertadas, tal como se verificou na Ilha do Pico.

Estando perante uma área significativamente maior do que a Ilha do Pico, tornou-se necessário que a gestão sustentável do ADV, com uma extensão de 24.600ha, incluindo 13 municípios, fosse oficialmente institucionalizada, tendo o Estado Português assumido a responsabilidade de proteger esta área considerada de valor

---

<sup>14</sup> ÁVILA, 2016; GOULART, 2013; AÇORES, 2011.

<sup>15</sup> AÇORES, 2011.

<sup>16</sup> AÇORES, 2018.

excepcional, o que implicou que em 2014 designasse a CCDRN como principal entidade gestora do sítio, através da Missão Douro, em colaboração com as autarquias<sup>17</sup>.

*Avaliar, com base num sistema de monitorização, a evolução do estado de conservação do Alto Douro Vinhateiro, os fatores que o afetam e as medidas de conservação do bem, de modo a contribuir para um modelo de gestão adaptativo que permita promover uma ação progressivamente integrada e sustentável sobre o território*<sup>18</sup>.

O ADV e os seus 13 concelhos constituem parte de uma das mais antigas e prestigiadas regiões vnicas portuguesas, enfrentando, mesmo assim, constrangimentos inerentes às zonas rurais do interior. O envelhecimento e a perda de população conduzem a problemas económicos, sociais e culturais e, conseqüentemente, a um baixo movimento associativo e a poucas oportunidades de emprego. Acresce, ainda, a falta de cooperação ao nível intermunicipal com as entidades gestoras do sítio do Património Mundial, prejudicando o desenvolvimento sustentável, numa região de elevado potencial e com condições excelentes para ser exemplo de sustentabilidade turística a nível nacional<sup>19</sup>.

A paisagem é provavelmente um dos pontos turísticos que mais potenciam a região. A sua definição é, no entanto, algo que se torna ambíguo de estabelecer. Esta noção banalizou-se pelo seu uso extremo nas mais diversas situações. Torna-se necessário compreender que a paisagem pode variar quer na distância quer no ponto de observação, mas sobretudo ela depende do sentimento de quem a olha. Segundo Almeida, considera-se paisagem um espaço alcançável pela visão humana, que no seu conjunto possua diversas componentes distribuídas no espaço oferecendo uma identidade ao local. Estes atributos devem ser constituídos pela morfologia do terreno, pela flora, pelas áreas hidrográficas, sempre vincados pelas transformações que o homem ao longo dos séculos lhe foi impondo. Deste modo, pode-se concluir que a paisagem é fruto do espaço e do tempo, pelo que através dela se podem ler as marcas da história do homem e por consequência as raízes das comunidades locais<sup>20</sup>.

É, pois, neste sentido que devemos entender as diferentes paisagens tipo identificadas no ADV e que a CCDRN tem vindo a monitorizar e a salvaguardar neste território com paisagens deslumbrantes e uma cultura ancestral propícia ao desenvolvimento do ecoturismo.

---

<sup>17</sup> CCDRN & MISSÃO DOURO, 2015.

<sup>18</sup> CCDRN & MISSÃO DOURO, 2015: 9.

<sup>19</sup> FERREIRA, 2012.

<sup>20</sup> ALMEIDA, 2006.



O ecoturista tem na sua generalidade características específicas que podem conduzir ao desenvolvimento económico das regiões que visita. É um segmento de mercado turístico que se preocupa com as questões da sustentabilidade, gostando de praticar atividades diversas ligadas com a natureza e com o meio social onde se instala. A aprendizagem é fundamental para o ecoturista, desde a observação da fauna ou da flora, até aos simples passeios a pé, desde que estes lhes proporcionem uma interpretação das paisagens moldadas secularmente pelo homem, permitindo desta forma aceder a novos conhecimentos. Por norma, são turistas com um grau de instrução superior e elevado rendimento. Apreciam viajar sem pressa já que a sua principal motivação é absorver o mais possível sobre a comunidade onde se inserem. Como alojamento preferem casas rurais que lhes permitem maior contacto com as comunidades locais<sup>21</sup>.

Como já se sugeriu anteriormente, as áreas do Património Mundial atraem um elevado número de turistas, onde se incluem os ecoturistas que procuram aperceber-se da sua história, através da interpretação do significado das diversas paisagens que sucessivamente se lhes apresentam. Aproveitando este nicho de mercado em franco crescimento, deveriam as autarquias e entidades gestoras do ADV Património Mundial unir esforços criando uma rede de rotas pedestres devidamente sinalizada. Nestas rotas o ecoturista deveria ter a possibilidade de poder ou não, segundo a sua vontade, usufruir de guias especializados que os informassem sobre as diversas componentes do trilho em questão. De igual forma, poderia ser adicionada a oferta de experiências únicas só possíveis através da colaboração das comunidades locais, guardiãs dos saberes ancestrais. Na realidade estes saberes, começam a extinguir-se, devido ao envelhecimento e desertificação populacional. As experiências turísticas podem atrair jovens com vontade de aprender estas práticas que agora se desvanecem, pois, desta forma, entram numa cadeia económica que lhes permite delas retirar algum rendimento pessoal e em simultâneo sentirem orgulho em reavivar as suas tradições.

Se rotas e itinerários são uma excelente forma de estruturação do território, não se pode ignorar que estando numa zona vínica o enoturismo possui características ligadas à ruralidade e, quando bem trabalhado, pode tornar-se a expressão viva da cultura local.

O enoturista, além de se interessar pela prova de vinhos, ele procura descobrir o local da sua origem, sendo que o ADV pela sua ancestralidade e pela classificação de Património Mundial tem grande atratividade nesta faixa de turistas. Ainda considerado um turismo de nicho, encontra-se em franco crescimento, apresentando oportunidades únicas face às já existentes, mas com alto valor acrescentado.

---

<sup>21</sup> DINIS, 2005.

Os enoturistas caracterizam-se pela elevada exigência das suas escolhas e por desenvolver em simultâneo o turismo gastronómico. São um público preocupado com as questões da sustentabilidade e em particular com a sua própria aprendizagem sobre o meio ambiente. Quando se deslocam para uma região vínica procuram tranquilidade e o contacto com as populações locais, agentes produtores de vinhos e trabalhadores intervenientes no processo produtivo do vinho, cujo conhecimento para eles é fundamental. Desta forma, pode-se concluir que os enoturistas partem à procura da degustação de um vinho, pretendendo uma experiência completa, como o enriquecimento cultural através da aprendizagem de hábitos e costumes da região e não somente da produção do vinho. Eles vão querer conhecer a cultura local, onde se incluem visitas a aldeias, igrejas, capelas, alminhas, tudo o que lhes possa dar novo sentido para se aperceberem da cultura regional onde o vinho é produzido<sup>22</sup>.

Para ser atrativo aos enoturistas o ADV deveria possuir uma rede de centros interpretativos da vinha e do vinho, com serviços que correspondam às expectativas desta tipologia de turistas. A ligação às Quintas com alojamento local apresenta-se como um excelente meio de envolver estes turistas no mundo rural, permitindo-lhes desfrutar do sossego do campo, de refeições típicas, aumentando os seus conhecimentos sobre a realidade sócio-cultural local, longe do turismo de massas, tipologia esta em que o enoturista não se insere.

O Enoturismo está a criar cada vez mais adeptos, pelo que o ADV se deve adaptar de forma a inseri-los na sua cadeia de valor económico, acrescentando benefícios a toda a comunidade e valorizando o seu setor cultural<sup>23</sup>.

## CONCLUSÃO

Feita a análise aos dois territórios vinhateiros Património da Humanidade, Ilha do Pico e Alto Douro Vinhateiro, pode-se concluir que a área da Ilha do Pico é largamente inferior à área do Alto Douro Vinhateiro, o que facilita a gestão de quem está incumbido desta missão. Com efeito, constatou-se que na Ilha do Pico a entidade gestora só tem que articular-se com duas autarquias, enquanto no Alto Douro Vinhateiro, que desde 2014 tem como principal entidade gestora a CCDRN, esta se vê obrigada a interagir com 13 municípios e seus respetivos programas diretores. Esta enorme diversificação de ideias que se verifica no ADV não tem facilitado o desenvolvimento sustentável, criando lacunas graves numa região que se pretende com um potencial turístico, mas sustentável em todas as vertentes.

Na apresentação da área do Património Mundial da Ilha do Pico, onde, através de fortes ações concertadas entre as autarquias e o Parque Natural da mesma ilha,

---

<sup>22</sup> INÁCIO, 2008.

<sup>23</sup> FERREIRA, 2012.

foi possível demonstrar como a recuperação do património é exequível quando as populações são sensibilizadas para tal. Com efeito, mesmo havendo ainda pequenos constrangimentos, a Ilha do Pico, no momento atual, possui a sua área protegida com um turismo sustentável e foi capaz de atrair jovens à região aumentando a sua capacidade de produção de vinho, que tinha decrescido drasticamente nas últimas décadas.

Analisando-se em seguida o ADV verificou-se que continua a perder população jovem, pelo que se deixou como sugestão o desenvolvimento de nichos de mercado em expansão e ainda pouco aproveitados nesta mesma região. Abordou-se em primeiro lugar o Ecoturismo que possui imensas variantes, mas que assenta por excelência em áreas com elevado potencial quer na natureza quer na cultura e em que o seu praticante gosta de se envolver com as comunidades locais retirando delas a maior aprendizagem possível. Assim, recomenda-se a estruturação da área através de rotas ou itinerários de forma a que o ecoturista possa fruir livremente pelo território.

Por último, abordou-se a tipologia das novas tendências do enoturismo. O ADV como importante zona vínica tem todas as capacidades para atrair estes turistas. Os enoturistas quando se deslocam à região procuram algo mais do que a prova do vinho e é exatamente nesse ponto que o ADV pode apostar dadas as suas características, tal como se acentuou na comunicação.

Finalmente, saliente-se que muito já foi feito no Alto Douro Vinhateiro e que só um trabalho interdisciplinar pode conduzir ao sucesso de um autêntico turismo cultural nesta zona vinhateira plena de tradições, cultura e arquitetura vernacular.

## BIBLIOGRAFIA

- AÇORES. Governo dos. Conselho Regional do desenvolvimento sustentável (2018) — Disponível em <parquesnaturais.azores.gov.pt/pt/pico/noticias/regionais/3156-conselho-regional-do-ambiente-e-do-desenvolvimento-sustentavel-debateu-alteracoes-relativas-a-12-areas-protetidas>. [Consulta realizada em 30/08/2018].
- AÇORES. Secretaria Regional da Agricultura e Ambiente (2011) — *Parque Natural da Ilha do Pico*. Disponível em <parquesnaturais.azores.gov.pt/pt/pico/parque-natural>. [Consulta realizada em 03/09/2018].
- ALÇADA, Margarida, LISITZIN, Kahi; MAUZ, Kerstin (2013) — *Turismo e Património Mundial: seleção de abordagens e experiências de gestão em sítios do Património Mundial de origem e influência Portuguesa*. Lisboa: Turismo de Portugal/Unesco.
- ALMEIDA, António Campar (2006) — *Paisagem: um património e um recurso*. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, Isabel Duarte; ABRANJA, Alexandre Nuno (2009) — *Turismo e Sustentabilidade*. «COGITUR, Journal of Tourism Studies», vol. 2, n.º 2. Disponível em <revistas.ululsofona.pt/index.php/jts/article/viewFile/506/409>. [Consulta realizada em 02/03/2014.]
- ÁVILA, João Xavier (2016) — *A adaptação funcional da adega na evolução cultural da paisagem vitícola da Ilha do Pico*. Lisboa: Universidade Lusiana de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- CCDRN; MISSÃO DOURO (2015) — *Plano de Monitorização do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial*. Vila Real: CCDRN.

- CÓDIGO *Mundial de Ética do Turismo*. Disponível em <<https://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>>.
- DINIS, Sandrine Marques (2005) — *O Ecoturismo: Um instrumento para o desenvolvimento sustentável?* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, Ângela Maria Rodrigues (2003) — *Turismo e Sustentabilidade*. In MARTINS, Clerton, org. — *Turismo Cultura e Identidade*. São Paulo: Roca, p. 1-12.
- FERREIRA, José Carvalho (2012) — *A sustentabilidade do Alto Douro Vinhateiro: Realidade ou Utopia? Contributo para a avaliação e melhoria da sustentabilidade da região*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- FERREIRA, Luís (2009) — *Sustentabilidade, Competitividade e Planeamento*. In DIAS, Francisco; SOIFER, Jack; FERREIRA, Luís, coord. — *O Futuro do Turismo — Território, Património, Planeamento*. Porto: Estratégias Criativas, p. 58-85.
- GOULART, Monica (2013) — *Colóquio Paisagem Cultural da Vinha do Pico - Reabilitação do Património Edificado*. Madalena: Governo dos Açores.
- INÁCIO, Ana Isabel (2008) — *III Congresso de Estudos Rurais. O Enoturismo: da tradição à inovação uma forma de desenvolvimento rural: atas*. Faro: Universidade do Algarve.
- MADALENA. Câmara Municipal (2011) — *Ilha do Pico Tertúlia*. Disponível em <<https://www.cm-madalena.pt/.../camara-municipal/.../2154-parque-natural-da-ilha-do-pico>>. [Consulta realizada em 03/09/2018].
- RELATÓRIO Brundtland — *O Nosso Futuro Comum*. [S.l.]: ONU — Comissão Mundial sobre o Ambiente e Desenvolvimento, 1987.